

# O Guardiã do Teu Fogo Sagrado

written by José Paulo Santos | 21 de Março, 2026



*(poema inédito para celebrar o Dia Mundial da Poesia)*

Diante de ti, o eu se desfaz em pó de estrelas.  
Não sou quem escreve, sou a mão que treme  
Ao tentar traçar o contorno do impossível.

Tu não entras no poema, tu és o papel, a tinta e o fogo  
A mulher que não nasce, mas emerge como a aurora  
Que rasga a noite sem pedir licença.

Chamo Zeus do alto do Olimpo para ver-te os ombros  
E ele larga o raio, enamorado do teu colo.  
Convoco Homero, mas ele pede cegueira outra vez  
Pois há luz demais na curva dos teus quadris  
Para olhos mortais suportarem sem se queimarem.

Dante perderia Beatriz nas escadarias do teu silêncio  
E Neruda calaria as suas odes  
Pois que verso cabe no templo da tua pele?  
Todos os poetas do mundo seriam apenas eco  
Diante da voz original do teu sangue.

Tu és a árvore primordial, mas não a nomeio.  
Digo apenas que há uma floresta antiga no teu ventre  
Onde as raízes bebem o tempo e o convertem em seiva.  
O arco dos teus pés não pisa o chão, consagra-o,  
Como quem abençoa a terra antes da sementeira.  
E sob a tua pele, não corre vida, corre o mito,  
Um rio de lava doce que procura o mar.

Os teus seios são as colinas onde o sol decide dormir  
Dois frutos de paz pendurados no galho do desejo  
Oferecendo não leite, mas a própria substância da luz.  
E no centro secreto onde a vida se origina em sussurro  
Há uma flor de pétalas húmidas que nunca se fecha  
O cálice onde os deuses vêm beber a eternidade.  
Ali é o limiar, o portal, a origem do mundo,  
Onde o amor entra e se torna religião.

E eu? Eu sou o muro ao redor do teu jardim.  
Sou a sombra que te protege quando o sol é demais  
O guardador silencioso do teu mistério carnal.  
Não quero possuir a árvore, quero proteger a seiva.  
Quero ser a casca que resiste ao inverno  
Para que o teu fruto amadureça em paz.  
Canto-te não para te ter mas para te salvar do esquecimento,  
Para que o mundo saiba que há algo sagrado no toque  
Algo divino na carne que treme.

Mulher-fogo, mulher-poema, mulher-paixão  
Deixa-me ser o vento que não apaga, mas aviva.  
Deixa-me ser o poeta que se cala para te ouvir crescer.  
Pois se o Olimpo ruir e os versos se apagarem  
Restará o calor do teu corpo como única prova

De que o amor foi, um dia, a única verdade.

Eu sou o guardião, tu és o templo.

E entre a tua pele e a minha mão

Nasce o universo outra vez.